

VERDADE DIVINA

N.º 5 - 2020



DO EGITO A CANAÃ



SUMÁRIO

Do Egito a Canaã: Relavância - <i>David Petterson</i>	3
Do Egito a Canaã: Mapa	4
Do Egito a Canaã: Onipotência - <i>Mark Sweetnam</i>	6
Do Egito a Canaã: Libertação - <i>Daniel Rudge</i>	8
Do Egito a Canaã: Orientação - <i>Matthew Cain</i>	10
Do Egito a Canaã: Persistência - <i>Donald Armstrong</i>	12
Do Egito a Canaã: Sustento - <i>Jonathan Seed</i>	14
Do Egito a Canaã: Lealdade - <i>Brody Thibodeau</i>	16
Do Egito a Canaã: Reverência - <i>David Vallance</i>	18
Do Egito a Canaã: Resistência - <i>Dan Shutt</i>	22
Do Egito a Canaã: Recordação - <i>Mitchell Taylor</i>	24
Do Egito a Canaã: Entrada - <i>Shawn St. Clair</i>	26
Sua Biblioteca - <i>Marcos Menezes</i>	28

O objetivo desta revista é edificar, exortar e incentivar cristãos para que sejam mais semelhantes ao Senhor Jesus Cristo.

“Não cessamos de orar por vós e de pedir que sejais cheios do conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e inteligência espiritual; para que possais andar dignamente diante do Senhor, agradando-lhe em tudo...” Colossenses 1:9-10

Copyright © Verdade Divina, Lauro de Freitas, Bahia, Brasil - www.editoraverdade.com.br

Correspondência pode ser dirigida para o editor pelo e-mail: info@verdadedivina.com.br

Os artigos são traduzidos por Eduardo de Almeida Macedo com a devida permissão de Truth & Tidings.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da tradução João Ferreira de Almeida - Edição Revista e Corrigida, 4ª edição, 2009, Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados. Verdade Divina é uma marca registrada de A Verdade. A reprodução total ou parcial desta revista não poderá ser realizada por nenhum meio possível, sem a prévia autorização do editor.

RELEVÂNCIA

David Petterson



Eu continuo surpreso com a relevância das Escrituras. A Bíblia nos conta mais sobre nós mesmos do que qualquer outro livro da história. As primeiras páginas das Escrituras explicam como chegamos aqui, o desejo de Deus de ter comunhão conosco, como essa comunhão foi quebrada pelo pecado e a promessa de Deus de resolver esse problema para sempre. Aprendemos sobre gênero e a instituição do casamento. Aprendemos sobre o valor do trabalho e como ele se tornou pesado. Nós até descobrimos por que o parto é uma experiência tão dolorosa.

Mas nem precisamos ir muito a fundo no texto bíblico para começarmos a nos perguntar se a relevância da Bíblia está começando a se desgastar. De repente, nos encontramos imersos na história de uma nação e sobre essa nação vagando em um deserto por 40 anos. Dos quase 4.000 anos de história humana registrados no Antigo Testamento, 40 deles consomem os livros de Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. A linha do tempo em Gênesis, que estava se movendo tão rapidamente, quase parou. Por quê? É possível que a longa jornada no deserto da nação tenha relevância para nós hoje, e que o passo tenha desacelerado para nossa contemplação? A própria Bíblia responde a essa pergunta afirmativamente.

Ao relatar alguns detalhes da jornada de Israel no deserto (1 Coríntios 10:1-11), o apóstolo Paulo diz que "estas coisas se tornaram exemplos para nós" (v. 6 ARA) e "foram escritas para advertência nossa" (v. 11 ARA). Ele adverte os coríntios (e a nós) a "não cobiçar as coisas más, como eles cobiçaram" (v. 6 ARA) e a não ser idólatras ou imorais, "como alguns

deles" (vv. 7-8 ARA). Paulo nos exorta a não "tentar a Cristo" ou "murmurar, como alguns deles" (vv. 9-10 ARC). Obviamente, Paulo viu grande relevância para nós no comportamento de Israel durante sua peregrinação no deserto.

Além disso, o escritor aos Hebreus enfatiza o significado típico da experiência no deserto nos capítulos 3 e 4, alertando-nos para não perdermos nosso descanso prometido por causa da incredulidade e dureza de coração. À medida que lemos o Novo Testamento, os paralelos entre as experiências de Israel e as nossas ficam claros, e lições valiosas são deixadas para nós aprendermos.

Esta edição de *Verdade Divina* é dedicada a um breve exame da jornada de Israel do Egito a Canaã e sua relevância para nós como povo de Deus hoje.

Veremos *o que Deus fez* por Seu povo então – e faz por nós agora – explorando os temas da onipotência, libertação, orientação e sustento de Deus. Notaremos *o que Deus exigia* de Seu povo então – e exige de nós agora – à medida que traçamos os assuntos importantes de reverência, lealdade, persistência, dependência e lembrança. Também será mostrado *o que Deus desejava* para Seu povo então – e deseja para nós agora – examinando nossa entrada no descanso de Deus, bem como as muitas advertências das Escrituras contra a resistência e suas consequências.

Com efeito, a jornada do Egito a Canaã ilustra toda a experiência cristã da escravidão à liberdade, revelando o plano redentor de Deus para o Seu povo. E o que poderia ser mais relevante para nós do que isso?





ONIPOTÊNCIA

Mark Sweetnam



Esmagando o Poder do Faraó

Dois homens passaram pelo recinto do palácio do Faraó. Embora sua aparência rude parecesse não estar de acordo com o esplendor do ambiente, apenas um dos dois se movia como um homem em terreno desconhecido, enquanto o outro caminhava com a costumeira facilidade de quem aprendeu a andar sobre esses mesmos ladrilhos e chegou à idade adulta nesses corredores. Seu nome e memória lhes garantiram o acesso à majestosa presença do poderoso Faraó, mas, como rapidamente se percebeu, não lhes deu qualquer garantia da boa vontade do Faraó. O escárnio seguiu o desdém em seu rosto enquanto ouvia a mensagem: "Assim diz o Senhor, Deus de Israel: Deixa ir o meu povo, para que me celebre uma festa no deserto" (Êxodo 5:1). Essa não era a usual lisonja bajuladora a que o Faraó estava acostumado. Tal mensagem, tão austera e direta, e nada complacente, raramente tinha sido ouvida nesses salões majestosos. A resposta de Faraó foi igualmente direta: "Quem é o Senhor", perguntou ele, cheio de arrogância em cada sílaba, "cuja voz eu ouvirei, para deixar ir Israel? Não conheço o Senhor, nem tampouco deixarei ir Israel" (v. 2). Sua pergunta receberia uma resposta que ele nunca previu, e que o mundo jamais esqueceu.

Faraó não foi o primeiro potentado a desafiar o poder de Deus, nem seria o último. Mas sua arrogância e intransigência o colocariam no centro de uma das maiores lições objetivas de onipotência que o mundo já viu. Deus disse a Faraó que o levantou "para mostrar o meu poder em ti e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra" (Êxodo 9:16). Faraó poderia escolher não obedecer a Deus – e ele fez isso –, mas seja pela obediência ou pela desobediência, ele permaneceria para sempre como um monumento à onipotência de Deus.

Ao longo das Escrituras, as pragas e a Páscoa

são repetidamente apresentadas como monumentos da onipotência divina e ainda têm muito a nos ensinar sobre esse importante assunto. Nas emergentes calamidades que abateram o Egito, não temos apenas a exibição arbitrária de poder inimaginável, mas milagres com uma mensagem (como os verdadeiros milagres sempre são). À medida que a amplitude dos milagres e do sofrimento crescia, também crescia a mensagem.

As pragas são divididas em três grupos, e cada divisão é marcada pela lição cada vez maior que Faraó deveria aprender: "Nisto saberás que eu sou o Senhor" (Êxodo 7:17); "[...] para que saibas que eu sou o Senhor no meio desta terra" (Êxodo 8:22); "[...] para que o meu nome seja anunciado em toda a terra" (Êxodo 9:16). Uma consideração detalhada das pragas enfatizará essas mensagens de muitas maneiras, mas no escopo deste artigo, consideraremos três lições importantes sobre a onipotência do Deus de Israel – e nosso.

A Onipotência Divina é Ilimitada

Dizer que a onipotência divina é ilimitada é, obviamente, ceder à redundância. Onipotente significa todo poderoso: a escala infinita e o escopo do que Deus pode fazer estão embutidos na palavra. Mas saber o que onipotência significa é uma coisa bem diferente de entender com o que ela se parece. Ao assistirmos as marteladas do julgamento divino sobre o Egito, algo do significado completo de onipotência se torna aparente.

Ao considerarmos o alcance das pragas, aprendemos que a onipotência divina não pode ser evitada. Isso é enfatizado pela repetição da palavra "todo", que ocorre 59 vezes em Êxodo 7-12. Embora Deus tenha poupado Israel do pior das pragas, a destruição que caiu sobre os egípcios foi universal. Peste após peste caiu sobre todas as águas, toda a terra, todas as casas,

todo o gado, sobre cada erva e cada árvore, sobre todas as frutas e, de forma climática e terrível, sobre todos os primogênitos. O poder de Deus tocou todos os aspectos da criação. Os comentaristas apontaram que há uma correlação entre os sete dias da criação e as dez pragas do Egito. Na criação, a onipotência divina operou do caos à ordem e da escassez estéril à vida abundante. Agora, no Egito, a ordem estava sendo invertida, a criação estava sendo desfeita e Faraó estava aprendendo que o Senhor dos hebreus é, também, o Deus do universo.

O poder de Deus é inigualável. À medida que se aproximava a Páscoa, Deus prometeu: "E eu passarei pela terra do Egito esta noite e ferirei todo primogênito na terra do Egito, desde os homens até aos animais; e sobre todos os deuses do Egito farei juízos. Eu sou o Senhor" (12:12). Essa promessa de julgamento sobre os deuses do Egito levou alguns comentaristas a sugerirem que as pragas foram dirigidas particularmente contra alguns dos deuses dos egípcios e serviram para manifestar a supremacia de Jeová sobre o panteão egípcio. Embora não haja consenso sobre isso, continua sendo uma possibilidade interessante e, se for verdadeira, enfatiza o poder único e inigualável do Deus vivo.

A onipotência de Deus não pode ser imitada. Para ter certeza, os magos do Faraó conseguiram produzir uma imitação da transformação da vara de Arão em uma serpente. Eles foram capazes de imitar as duas primeiras pragas. Mas qualquer consolo que Faraó extraiu desse fato teve vida curta ao extremo, pois os mágicos logo tiveram que confessar sua impotência e reconhecer que "Isto é o dedo de Deus" (8:19).

O poder divino não pode ser explicado. É revelador que mesmo os feiticeiros egípcios, que tinham grande interesse em invalidar os milagres e um amplo conhecimento da geografia egípcia, nunca ofereceram uma explicação naturalística para as pragas. Onde eles temiam pisar, os comentaristas modernos se precipitaram – com todos os tipos de explicações que dão grande crédito à sua engenhosidade e imaginação, mas muito pouco ao texto bíblico. Melhor, neste caso, ouvir os magos e a única explicação das pragas que faz algum sentido: "Isto é o dedo de Deus".

A Onipotência Divina é Exercida em Favor dos Seus

O espanto de Faraó com a ousadia de Moisés e o pedido de Arão teria sido agravado pela maneira como eles falaram sobre Deus. Seu pedido – ou melhor, sua exigência – foi feito em nome do "Senhor, Deus de Israel", o "Deus dos hebreus" (5:1-3). Na sociedade egípcia, os escravos eram não-pessoas, e o registro mais claro disso era que eles não tinham deuses. Que tipo de divindade mesquinha, Faraó deve ter se perguntado, se identificaria com um povo escravizado como aquele?

Moisés sabia algo que Faraó não sabia. Ele sabia que o Senhor Deus de Israel havia entrado em um relacionamento baseado numa aliança com Seu povo. E, mesmo que ele já tivesse corrido o risco de esquecê-lo, Deus o havia lembrado daquele grande fato na sarça ardente, pouco tempo antes. As pragas no Egito demonstram inequivocamente o poder divino. Mas tal demonstração não é aleatória ou arbitrária. Em vez disso, como o escritor do Salmo 105 apreciou, elas testificam de um Deus cuja onipotência é dirigida em favor de Seu povo, embora isso pareça muito insignificante aos olhos do mundo. Quando as pragas atingiram o Egito, Faraó deve ter ficado impressionado, não apenas com o poder de Deus, mas que esse poder, em toda a sua imensidão, foi estendido para o benefício de uma nação de ninguém. Que possamos sentir a maravilha de saber que também é assim conosco.

A Onipotência Divina Responde à Oração

Há, entretanto, uma lição ainda mais marcante que o Faraó aprendeu e que nós também devemos aprender. Em cinco ocasiões, ele pediu a Moisés que "rogasse ao Senhor" em favor dele. Na primeira dessas ocasiões, a resposta de Moisés foi calculada para garantir que o Faraó estava absolutamente certo de que a remoção das rãs era uma resposta à oração de Moisés (8:8-9). Quão notável foi – e quão notável ainda é – que um Deus cuja onipotência não conhece fronteiras pudesse ouvir e responder às súplicas dos Seus.

*"Bendita é sempre a oração
A voz do nosso coração
Que leva ao céu o seu clamor
Trazendo auxílio do Senhor."*

LIBERTAÇÃO

Daniel Rudge



As Escrituras estão repletas de referências à poderosa libertação que Deus efetuou pelo Seu povo no Mar Vermelho. Os eventos que se desenrolaram não apenas *libertaram* Israel e *destruíram* seus inimigos (Neemias 9:9-11), mas *exibiram* a glória de Deus. Um belo resumo se encontra no Salmo 106: "Ele os salvou por amor do seu nome, para fazer conhecido o seu poder. Repreendeu o Mar Vermelho, e este se secou [...]. Então, creram nas suas palavras e cantaram os seus louvores" (vv. 8-9,12). E, ainda, este Deus Salvador de grande poder efetuou uma libertação muito maior, manifestada em um sentido infinitamente maior no Calvário, pelo qual todo cristão "canta os Seus louvores".

O Ensino Típico da Travessia do Mar Vermelho

A Páscoa

A fim de apreciarmos plenamente o importante e típico ensino da travessia do Mar Vermelho, é necessário comparar e contrastar eventos intimamente relacionados, como a Páscoa, e eventos aparentemente semelhantes, como a travessia do Jordão.

Tanto a Páscoa quanto o Mar Vermelho são necessários para termos uma figura completa da nossa libertação em Cristo. A Páscoa fala da redenção pelo sangue e libertação do juízo de Deus. O Mar Vermelho, por outro lado, declara a redenção pelo poder e libertação do Egito (o mundo), Faraó (Satanás) e suas hostes (a carne). É somente depois desses dois

eventos que Deus fala de "salvação" (é a segunda referência à palavra na Escritura). Como William Kelly comenta, "Salvação é mais do que ser mantido em segurança. É ser liberto de todos os nossos inimigos". Sem dúvida, Israel estava em paz quando viu seus inimigos mortos na praia do Mar (Êxodo 14:30) e cantou de alegria ao Senhor (15:1). Será que estamos vivendo no gozo dessa libertação? Conhecemos o valor total da salvação que é nossa em Cristo? Não apenas nossos pecados foram perdoados, mas nossos inimigos são adversários derrotados (Romanos 6:6; Gálatas 1:4; Hebreus 2:14).

O Jordão

Embora semelhantes em muitos aspectos, as travessias do Mar Vermelho e do Jordão são tão diferentes quanto as epístolas aos Romanos e Efésios. O Mar Vermelho tipifica aquilo *de onde Cristo nos tirou* (Romanos), enquanto o Jordão fala daquilo *a que Cristo nos trouxe* (Efésios). Como tal, a travessia do Mar Vermelho destaca a pessoa de Moisés (Cristo como Mediador) e enfatiza Israel "entrando" e "no meio" do Mar (o lugar da morte). Em contraste, o foco da travessia do Jordão é a arca (Cristo na glória) e o sacerdócio (nosso Grande Sumo Sacerdote). Novamente, Israel está "passando sobre" (páscoa) e "subindo" *para fora* do rio (significando uma nova vida). Assim, ambas as imagens são necessárias para tipificar a plenitude da libertação encontrada em Cristo. Não apenas morremos com Ele (Mar Vermelho), mas fomos ressuscitados com Ele para andar em novidade de vida (Jordão). Devemos

ser aqueles que gozam a vida de Canaã e que se alimentam do fruto da terra (Cristo na glória da ressurreição), não aqueles cujos corações anseiam pelo sustento terreno do Egito (Números 11:5).

O Ensino Prático da Travessia do Mar Vermelho

O Propósito do Senhor (Êxodo 14:1-4)

Estranhamente, o Senhor fez com que Israel voltasse e acampasse diante de Pi-Hairote (v. 2). Esta foi uma virada em direção ao sul, na direção oposta da terra da promessa. Pode não ter sido um caminho direto, mas era o "caminho direito" (Salmo 107:7), pois Deus tinha Seu propósito em conduzi-los a uma prova de fé no Mar Vermelho. Não apenas a prova afetaria a libertação do inimigo (Pi-Hairote significa "portal da liberdade"), mas também lhes ensinaria a suficiência de Sua graça – Seu poder aperfeiçoado na fraqueza deles (2 Coríntios 12:9). Esta provação tinha um propósito – assim como as nossas. As palavras de C.H. Mackintosh são as mais apropriadas: "A presença do Mestre é sentida quando a tempestade rugue e as ondas caem sobre o navio. A presença de Deus *no* julgamento é muito melhor do que a isenção *do* julgamento. A simpatia do Seu coração *para* conosco é muito mais doce do que o poder de Sua mão *por* nós".

O Plano de Faraó e o Pânico de Israel (Êxodo 14:5-12)

Faraó e seu exército perseguiram Israel com o propósito de saquear e destruir seus antigos escravos (ver 15:9). Satanás ainda persegue o povo de Deus hoje. Ele procura nos enredar no pecado e no mundo, destruindo assim nossa utilidade para o Senhor. Não é de se espantar que "os filhos de Israel levantaram seus olhos [...] e temeram muito" (v. 10). Com o Faraó *atrás*, as montanhas *ao redor* e o Mar Vermelho *à sua frente*, toda esperança parecia ter desaparecido! O povo de Deus

costuma ter memória curta. Apenas três dias no deserto e eles aparentemente se esqueceram do grande poder de Deus demonstrado nas pragas do Egito. A razão não é difícil de encontrar: eles haviam "levantado os olhos" para contemplar a *difficuldade*, não o *Libertador*. Eles estavam julgando por vista e não pela fé, clamando em descrença e desespero ao Senhor. No entanto, "pela fé, passaram o Mar Vermelho" (Hebreus 11:29). Que sejamos encorajados a viver com total confiança em Deus, não importa a dimensão da crise.

A Promessa de Moisés e a Provisão de Deus (Êxodo 14:13-30)

"Não temais; estai quietos e vede o livramento do Senhor." (v. 13) Que momento para apenas parar e observar! Não poderíamos culpar alguém por querer correr em tal situação. Mas garantir o livramento é com Deus. Às vezes, apesar da nossa natureza impaciente, é necessário esperar em Deus por Sua direção. No final das contas, eles "marcharam" com a força de terem ficado parados (vv. 14-15). Talvez haja momentos em que nós também devemos ficar parados na dependência de Deus, pois quando a energia do corpo acabar, Ele poderá trabalhar.

Muito do ensino típico do Mar Vermelho já foi observado, mas é maravilhoso observar que antes que as águas do mar fossem divididas (v. 21), o Anjo de Deus "se retirou e ia atrás deles" (v. 19). Somos, portanto, lembrados de Alguém que "se retirou" do céu para a terra e graciosamente se colocou entre nós e o adversário no Calvário (Salmos 22:12-13). Reserve um momento para louvar a Deus hoje pela libertação completa e gratuita tipificada no Mar Vermelho e cumprida em Cristo.

ORIENTAÇÃO

Matthew Cain



A Coluna de Nuvem e de Fogo

Houve ocasiões em que uma pequena reflexão pessoal revelou ao meu próprio coração que deixei de seguir a orientação de Deus. Eu hesitei quando Ele quis que eu me movesse; eu dei um passo quando era Sua vontade que eu esperasse. Como o Espírito de Deus respondeu à minha falha em confiar perfeitamente Nele? Foi por me ensinar pacientemente e permanecer determinado a me guiar, "porque fiel é o que prometeu" (Hebreus 10:23). A orientação do Espírito Santo para nós hoje é prefigurada por meio de Sua fiel orientação a Israel durante sua jornada no deserto: "A coluna de nuvem nunca deles se apartou de dia, para os guiar pelo caminho, nem a coluna de fogo de noite, para os alumiar e mostrar o caminho por onde haviam de ir" (Neemias 9:19).

A Correspondente Orientação da Igreja

A coluna de nuvem e de fogo era a mesma – uma nuvem, com uma coluna de fogo acima, cuja luz iluminava a nuvem à noite. Foi a manifestação pessoal da presença de Deus entre Seu povo e prefigurava o ministério do Espírito Santo hoje. Assim como Israel foi batizado na nuvem, a Igreja foi batizada no Espírito (cf. 1 Coríntios 10:2 e 1 Coríntios 12:13). A nuvem veio como uma dádiva graciosa do Senhor ao Seu povo imediatamente após sua redenção, "para os guiar pelo caminho" e "nunca tirou de diante da face do povo" (Êxodo 13:21-22). Da mesma forma, na Igreja, recebemos o dom do Espírito Santo com a salvação (Efésios 1:13), Ele está conosco para sempre (João 14:16), e é característico dos filhos de Deus serem "guiados pelo Espírito de Deus" (Romanos

8:14).

O Modo de Orientação

Sem a ajuda do GPS ou do *Google Maps*, Israel teve que viajar por um deserto árido e uivante. Mas eles não foram deixados vagando de acordo com sua própria intuição. A nuvem se levantava e se movia para dizer-lhes que deixassem o arraial, bem como se estabelecia onde o Senhor queria que eles montassem o arraial. A orientação de Deus era clara. Alguém poderia dizer "Quem dera a orientação do Espírito ainda fosse tão clara hoje" – e ela é! Cada um dos movimentos dessa nuvem é chamado de "dito do Senhor" (Números 9:18), ou literalmente, a "boca" do Senhor. "Na coluna de nuvem lhes falava" (Salmo 99:7). Aquela nuvem era como a voz do Espírito para guiar o povo de Deus. E a voz do Espírito ainda é ouvida claramente hoje, porque as Escrituras são as palavras do Espírito Santo.

O Espírito de Deus nos dá orientação clara sobre onde devemos e não devemos ir, com quem devemos e não devemos estar e como devemos e não devemos andar. Não somos deixados por conta própria a determinar como administrar nossa peregrinação cristã. O Deus que enviou uma coluna de nuvem e fogo para Israel "enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho" (Gálatas 4:6). Ele está comprometido em nos liderar, e Sua liderança nunca irá contradizer Sua própria Palavra escrita. À medida que formos guiados pelo Espírito (Gálatas 5), cedendo ao Seu controle, conheceremos mais da Sua orientação em nossas vidas. Mas tenha em mente que, se você deseja ouvir o Espírito falando com você de forma mais clara, leia sua Bíblia. E se você quiser ouvir o Espírito falando com você

de forma audível, leia sua Bíblia em voz alta. A orientação clara fornecida pela coluna de nuvem e fogo nos ensina que o Espírito de Deus nos dá uma orientação clara hoje por meio de Sua vontade revelada nas Escrituras.

A Resposta à Orientação

Para todas as reclamações e descrença de Israel no deserto, as palavras de Números 9:15-23 são preciosas e instrutivas. Sete vezes lemos "o dito do Senhor" e duas vezes "a guarda do Senhor", e em todos os casos, ao longo desses 38 anos, Israel obedeceu à ordem do Senhor seguindo a orientação da nuvem. Às vezes, a nuvem permanecia apenas por uma noite e então começava a se mover novamente pela manhã, e o povo a seguia.

*Quão dispostos
estamos a
esperar, e
esperar um
pouco mais,
para saber a
orientação
clara do
Espírito de
Deus?*

Somos prontos para seguir a voz do Espírito? Às vezes, a nuvem os mantinha em um único lugar por muitos dias. Quão dispostos estamos a esperar, e esperar um pouco mais, para saber a orientação clara do Espírito de Deus? "Em Sua sabedoria perfeita e infalível, Ele sabia o que era melhor para o Seu povo. Algumas rotas podem ter parecido cansativas ou árduas, mas se eles obedecessem ao mandamento de Deus nas aparições visíveis da nuvem, ou parada ou em movimento, certamente estariam na vontade de Deus."

A Fidelidade da Orientação

O mais notável à luz da obstinação espiritual de Israel durante sua jornada no deserto é que a nuvem Shekinah de Deus nunca se afastou deles. Deus foi fiel para liderar Seu povo naquela época e ainda é fiel hoje. Na verdade, Ele trará de volta a nuvem e o fogo sobre a própria nação purificada de Israel no Reino (Isaías 4:5), porque Ele é fiel à Sua palavra e ao Seu povo. Não precisamos apontar o dedo para o povo no deserto e perguntar: "Como eles podiam duvidar? Como eles podiam reclamar?" Nós também duvidamos, reclamamos e desobedecemos. Mas Deus nunca vai retirar Seu Espírito Santo de nós (Efésios 1:13-14). Se entristecermos o Espírito Santo, nossa percepção de Sua orientação será prejudicada até confessarmos o nosso pecado. Mas "ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça" (1 João 1:9).

O Espírito de Deus está determinado a liderar Seu povo. Alguns se preocupam pensando que, por causa de um erro no passado, estarão para sempre fora da vontade de Deus, sem oportunidade de andar em plena comunhão com Ele novamente. Esse é um pensamento errado. Aprenda com a coluna de nuvem e fogo no deserto – Deus é fiel para liderar Seu povo. O Espírito de Deus quer guiá-lo por todo o resto de sua peregrinação cristã, até que Ele o leve para o lar na glória em segurança.

PERSISTÊNCIA

Donald Armstrong



Amaleque – A Luta Vitalícia Contra a Carne

A história do Êxodo é impressionante. Nos primeiros capítulos, Deus trabalhou para erguer um libertador, demonstrando Seu poder nas pragas, passando sobre o protegido primogênito, libertando os filhos de Israel da escravidão nos primeiros passos em direção a Canaã e lidando com os inimigos no Mar Vermelho. Não é à toa que cantaram o cântico de Moisés (cap. 15). Que libertação foi a deles!

Nós também ficamos maravilhados ao considerar nossa libertação da escravidão do pecado por meio do Cordeiro de Deus e Seu sacrifício no Calvário. Nós nos deleitamos no gozo da redenção, nosso cântico eterno (Apocalipse 5). Podemos ter pensado que era o fim de nossos problemas, mas ainda tínhamos grandes lições a aprender!

Para Israel, uma dessas lições foi a compreensão de que a libertação não os tornava imunes a ataques. Sua jornada não seria apenas aquela em que comeriam o maná do céu e beberiam água da rocha, mas uma que exigiria resistência em face das dificuldades. A primeira dessas dificuldades foi um ataque de Amaleque.

A Fonte do Ataque

A história remonta, 250 anos antes, ao neto de Esaú, Amaleque, nascido de Timna, uma concubina. Seu nome significa "habitante do vale", e ele se tornou um duque poderoso. Mais tarde, Balaão descreveu Amaleque como "o primeiro [isto é, o chefe] das nações" (Números 24:20). Assim, Amaleque nos fala não apenas da carne, mas da carne degenerada.

Nós nascemos da carne antes de nascermos

do Espírito. A carne não foi embora na nossa salvação, mas estará conosco enquanto estivermos no corpo. Nunca foi removida ou reformada e tem todos os velhos desejos e ambições. Paulo nos lembra da atuação do verdadeiro caráter da carne: "prostituição, impureza, lascívia (sensualidade), idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias (contendas), emulações (rivalidades), iras (raivas), pelepas, dissensões (disputas), heresias (facções), invejas, homicídios, bebedices, glotonarias e coisas semelhantes a estas" (Gálatas 5:19-21). A raiz de todos esses pecados está profundamente enraizada dentro de cada um de nós, e tem o potencial de se revelar se tiver a oportunidade.

O Autor do Ataque

Embora reclamassem da falta de pão e água, os israelitas moviam-se no caminho em que Moisés os guiava, "segundo o dito do Senhor". Mesmo assim, eles não estavam imunes ao ataque de Amaleque. Andar em obediência e comunhão com Deus no caminho que Ele traçou para nós não nos torna imunes aos ataques da carne. Às vezes, em nossos momentos mais espirituais, nossa alegria é interrompida por pensamentos carnavais que nos distraem e nos deixam tristes e envergonhados.

A Rapidez do Ataque

Os israelitas não demoraram muito na estrada, possivelmente apenas 30 a 40 dias de viagem do Egito. Eles mal haviam terminado a canção da redenção e recebido o maná e a água quando o inimigo os atacou. Infelizmente, nós também aprendemos, logo depois de começar nosso desfrute da salvação e da rica provisão de Deus para nossa jornada, que a

carne já estava em ação. Nós nos pegamos questionando por que, já que somos salvos, tais pensamentos e desejos surgiram em nossas mentes. Percebemos que não tivemos uma "lua de mel", por assim dizer; a batalha com a carne foi rapidamente encontrada e seria uma luta para toda a vida.

O Cenário do Ataque

Depois do Egito e do Mar Vermelho, eles finalmente entraram no deserto de Sur, alcançando Refidim (que significa "lugares de descanso"). Eles poderiam ter esperado por um momento de descanso e calma após os eventos recentes; tendo escapado do Faraó, eles provavelmente não esperavam nenhum problema, principalmente outro ataque. Nós nos deleitamos com o descanso relatado em Mateus 11:28, mas ainda devemos esperar o ataque da carne, não importa quão calma e tranquila nossa situação possa estar.

A Estratégia do Ataque

O ataque de Amaleque foi uma estratégia cruel. Moisés, quarenta anos depois, lembrou a Israel o que Amaleque havia feito quando eles saíram do Egito: "te saiu ao encontro no caminho e te derribou na retaguarda todos os fracos que iam após ti, estando tu cansado e afadigado" (Deuteronômio 25:17-18). Assim também é a carne, que ataca de uma direção despercebida, onde somos mais vulneráveis e fracos.

A Subjugação do Ataque

Amaleque teve de ser confrontado e conquistado; não fazer isso significaria fracasso e perda. Para nós, a carne terá de ser combatida, mas é encorajador ver que Israel não lutou sozinho. Havia recursos disponíveis para eles:

O Homem no Cume do Outeiro – Moisés

É precioso ver que o homem no cume do outeiro, supervisionando-os no vale, atravessou o deserto antes deles. Ele também os tirou da escravidão através do Mar Vermelho, deu-lhes uma canção e proveu o

necessário para que pudessem viajar. No cume do outeiro ele carregava a vara de Deus. Se quisessem prevalecer, precisavam do homem na colina com o poder de Deus. Olhamos para um monte muito mais alto, o próprio céu, e vemos Aquele que é nosso Grande Sumo Sacerdote, "para agora comparecer, por nós, perante a face de Deus" (Hebreus 9:24).

O Homem no Vale – Josué

Josué foi enviado por Moisés para liderar a batalha e quebrar o poder de Amaleque. O Senhor Jesus falou do Espírito Santo, "que eu da parte do Pai vos hei de enviar" (João 15:26). Tanto Moisés quanto Josué eram necessários para a vitória sobre Amaleque – Moisés com a vara e Josué com a espada. Da mesma forma, precisamos do Senhor ressurreto em glória e do Espírito Santo habitando dentro de nós com os recursos que nos capacitarão a resistir à batalha e ter vitória sobre a carne. As mãos de Moisés ficaram firmes até o pôr do sol. Até que o sol se ponha e entremos na glória, sempre haverá o Homem com Suas mãos erguidas no Outeiro por nós.

As Sequelas do Ataque

Moisés disse: "haverá guerra do Senhor contra Amaleque de geração em geração" (Êxodo 17:16), e depois Deus os advertiu para não se esquecerem do que Amaleque havia feito (Deuteronômio 25:17). Mais tarde, o rei Saul falhou em derrotar Amaleque (Agague), e isso acabou com seu reino; sua vida foi reivindicada por um amalequita (2 Samuel 1:8-10). Anos mais tarde, no livro de Ester, o velho inimigo ainda estava presente em Hamã, o agagita.

Nossa vida deve ser de persistência, não de contínua derrota pela carne. Que possamos olhar para cima e ver nosso Grande Sumo Sacerdote e Advogado, lembrando que dentro de nós está o Espírito Santo, o poder residente para vencer a carne.

SUSTENTO

Jonathan Seed



"**E** deste o teu bom espírito, para os ensinar; e o teu maná não retiraste da sua boca; e água lhes deste na sua sede." (Neemias 9:20)

O maná é mencionado em muitas partes das Escrituras, mas o que ele era exatamente? Os israelitas tinham a mesma indagação, "porque não sabiam o que era". Na verdade, o nome hebraico que deram a ele se traduz em "O que é isto?" A resposta que Moisés deu a eles é a definição mais abrangente que ouvi: "Este é o pão que o Senhor vos deu para comer" (Êxodo 16:15). Em poucas palavras, Moisés falou-lhes de seu caráter simples, sua origem divina e seu propósito único.

Seu Caráter Simples

Como resultado dos *lockdowns* em muitas partes do mundo, a arte de fazer pão com massa levedada disparou em popularidade. A moda se espalhou a tal ponto que em certas áreas nem se acha mais farinha. Parte do apelo é a ideia de "se reconectar" com o passado, com os tempos em que não havia "fermento rápido" e nem pães "brancos" produzidos em massa. Mas o pão sempre foi onipresente. Ele assumiu diferentes formas em diferentes culturas, mas quase sempre continua sendo uma parte insubstituível da dieta. Também aparece extensivamente nas Escrituras. Lemos sobre ele simbolicamente para transmitir a ideia de comunhão: "O pão que partimos não é, porventura, a comunhão do corpo de Cristo?" (1 Coríntios 10:16). O símbolo é estendido até mesmo a um contexto escatológico quando lemos sobre "o maná escondido" que foi prometido "ao

que vencer" (Apocalipse 2:17).

No entanto, a ideia mais comum é o pão como alimento. Com exceção de Paulo, que fala mais do sentido simbólico, os escritores do Novo Testamento destacam seu efeito de sustentar. A mera existência do pão deve nos lembrar do nosso Deus que "encheu de bens os famintos" (Lucas 1:53). Embora seja feito por mãos humanas, não há massa sem grão, e não há grão sem chuva.

Sua Origem Divina

O pão do qual falou Moisés era diferente. Sua aparência era "como a semente de coentro", "como a do bdélio". Era uma coisa branca, miúda, parecida com flocos, "miúda como a geadinha sobre a terra". Tinha gosto de "bolos de mel". A pequena substância era facilmente colhida, moída ou batida e até mesmo fervida para "fazer bolos" e, se deixada no sol, "derretia-se". E se isso não fosse informação sensorial suficiente, somos informados até de seu odor quando coletado e não comido no mesmo dia: "criou bichos e cheirava mal".

Há outra qualidade, no entanto, que era muito pertinente à sua habitação neste deserto inóspito: era abundante. O salmista disse que o Senhor "fez chover sobre eles o maná para comerem [...] ele lhes mandou comida com abundância" (Salmo 78:24-25). Como um prenúncio do "verdadeiro Pão do céu", havia o suficiente e mais para todos eles. Este trigo em particular não dependia da época de semear e da colheita, pois era o "grão do céu". Chegou à primeira luz do dia, "quando o orvalho jazia ao redor do arraial", e nunca

falhou até quando deveria – "depois que comeram do trigo da terra" (Josué 5:12). Esse pão foi um presente e, como "toda boa dádiva e todo dom perfeito", veio "do alto" (Tiago 1:17). O Pai que alimentou Israel com maná é o mesmo Pai celestial que nos sustenta hoje.

Apesar de ambos terem origem divina, existe uma diferença entre o pão deles e o nosso. Do pão deles estava escrito: "Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram" (João 6:49). Mas foi dito que o nosso desceu do "céu, para que o que dele comer não morra" (v. 50). Muitos cometem o erro de pensar que se trata exclusivamente de uma referência à vida após a morte. No entanto, a vida eterna começa no momento em que você nasce de novo. A promessa de que você "viverá para sempre" começou a se cumprir quando você confiou no Senhor Jesus Cristo. Assim como a substância de seu sustento mudou quando eles entraram na terra, também a nossa vai mudar quando encontrarmos o Senhor nos ares. Nesse evento, estaremos completamente conformados à Sua imagem. Mas, em contraste aos israelitas, nossa dieta não mudará. Continuaremos a nos alimentar do verdadeiro Pão do céu, assim como fazemos aqui embaixo. Seu maná os sustentou até a morte. Nosso maná nos sustenta hoje e continuará por toda a eternidade.

Seu Propósito Singular

"Este é o pão que o Senhor vos deu *para comer*." A ideia é tão simples que muitas vezes é negligenciada. O objetivo do pão é comê-lo. Atualmente, é comum gravar desenhos complexos na superfície do pão caseiro. Sem dúvida, este é um passatempo divertido para alguns, mas o ponto é válido – o propósito da comida não é o apelo estético; Deus fez "chover sobre eles o maná *para comerem*". O verdadeiro Pão do céu não é diferente: "quem comer este pão viverá para sempre" (João 6:58). Visto que

nos consideramos mortos para o pecado e vivos para Deus, nossa nova dieta consiste no "pão vivo", o único nutriente que nos sustentará nesta terra desnutrida. Sua simplicidade e origem divina não são um fim em si mesmas; ele deve ser comido.

Seu Complemento Necessário

Ele não só deu o maná para a fome, mas também água para a sede. Nessa jornada, eles encontraram pela primeira vez a água como inimiga. Esta inimiga foi tranquilamente empurrada para o lado enquanto o Senhor demonstrava Seu controle total sobre os elementos. No entanto, um pouco mais adiante na estrada, com a garganta seca e a língua inchada, eles clamaram por água para matar a sede. A desidratação revelou o ódio em seus corações quando acusaram Moisés de trazê-los ao deserto "para nos matares de sede, a nós, e aos nossos filhos, e ao nosso gado" (Êxodo 17:3). O Senhor, em Sua misericórdia, providenciou água da mais improvável das nascentes, uma "rocha". Este evento em Horebe define o contexto para todas as referências futuras ao Senhor como uma "rocha" nas Escrituras. A conexão mais clara é feita por Paulo em 1 Coríntios 10:4: "e beberam todos de uma mesma bebida espiritual, porque bebiam da pedra espiritual que os seguia; e a pedra era Cristo" (1 Coríntios 10:4). Para Paulo, todo o enredo do Velho Testamento prenunciava o Cristo que havia de vir. Portanto, a lição que devemos tirar da referência é esta: o Cristo que sustentou Israel durante a sua peregrinação é o mesmo que nos sustenta durante a nossa.

"Desse modo os sustentaste quarenta anos no deserto; falta nenhuma tiveram." (Neemias 9:21)

LEALDADE

Brody Thibodeau



Partida e Recuperação no Sinai

Os eventos do deserto na história de Israel foram registrados para nosso benefício, porque por meio deles recebemos instruções para esperança, admoestação e meditações animadoras a respeito do Senhor Jesus. As circunstâncias que envolveram o incidente no Sinai com o bezerro de ouro não são exceção. Enquanto recebemos admoestação de seu fracasso, também tomamos notas encorajadoras para aprendizado e conforto, bem como vislumbres do nosso Amado através do trabalho entrelaçado dos escritos de Moisés.

Proeminentes no pano de fundo de sua partida são os eventos relativos à comunicação de Moisés com Jeová e o próprio povo se encontrando com Deus, ouvindo Sua palavra e expressando sua intenção de fazer um pacto de obediência à lei. No entanto, tudo isso levava ao momento crucial em que Moisés desapareceria de sua vista por quarenta dias. Em Êxodo 24:12-18, vemos uma ilustração muito relevante da verdade do Novo Testamento. Moisés é uma figura do Senhor Jesus, deixando o povo abaixo para subir, com a promessa de que Ele voltará a eles. Ele já compartilhou com eles as palavras de Jeová e agora indica que Arão e Hur estarão com eles como substitutos em sua ausência. Arão é uma representação do Senhor Jesus em Seu papel de sumo sacerdote (embora seja uma ilustração que perderá sua aplicação quando as pessoas afetarem o julgamento de Arão). Hur, em conjunto com Arão, reassume sua posição

como o auxílio na intercessão, como quando ele foi nos eventos que cercaram Amaleque, e é para nós uma figura do Espírito de Deus.

Assim foi com o Senhor, que ascendeu ao céu deixando-nos amplos recursos. Ao preparar os onze para Sua jornada ao céu através do Calvário, Ele os lembrou de que eles tinham a Palavra do Pai (João 14:24) e receberiam outro Consolador para habitar com eles e conduzi-los a toda a verdade. Também sabemos que o Senhor Jesus é para nós um Grande Sumo Sacerdote infalível que é tocado pelos próprios sentimentos de nossas enfermidades, atuando em direção ao trono da graça por nós. Portanto, tendo a Palavra de Deus, a intercessão do Espírito de Deus e o nosso Grande Sumo Sacerdote, estamos bem equipados para enfrentar os desafios e tentações relacionados com a ausência de nosso querido Senhor Jesus Cristo.

Os tessalonicenses são um exemplo de comportamento apropriado em antecipação ao retorno do seu Senhor. Ao voltar-se para Deus foram tirados dos ídolos, e a expectativa do retorno de Cristo os manteve longe dos ídolos (1 Tessalonicenses 1:9-10; 1 João 3:3). Em contraste, os israelitas, tendo sido libertados da escravidão do Egito, recuaram em direção àquilo de que haviam sido libertados. O bezerro de ouro, uma abordagem da adoração egípcia emprestada do deus-touro Apis, foi o resultado de um desejo ardente pela sua vida passada. Em Atos 7:39, Estêvão disse em relação a esse evento: "em seu coração,

se tornaram ao Egito". Os tessalonicenses continuaram esperando pelo Filho do céu, enquanto os israelitas perderam de vista o homem que subira.

Devemos agora enfrentar o fator agravante e abrangente da jornada no deserto: ela foi cheia de falhas porque o povo se recusou a viver pela fé. A fé é a resposta obediente à palavra de Deus e a convicção daquilo que é invisível, mas o povo deixou de reconhecer esse princípio em seu trato com Jeová. Em Hebreus 11, o relato dos heróis da fé e da fidelidade de Deus, encontramos uma lacuna no relato da jornada dos israelitas. Pela fé, eles atravessaram o mar Vermelho (v. 29), mas o versículo 30 avança quarenta anos para a conquista de Jericó antes que a fé seja notada novamente. Por quê? Será que não foi porque eles escolheram viver em desobediência, vendo a presença e as promessas de Deus como insuficientes para as provações e os testes? É-nos dito nas Escrituras que a sua peregrinação sem rumo durante todos aqueles anos foi um resultado direto da incredulidade (Hebreus 3:19).

Enquanto seus corações incrédulos voltados para o Egito buscavam um objeto tangível de adoração, eles clamavam: "Levanta-te, faze-nos deuses que vão adiante de nós" (Êxodo 32:1). Arão, o líder responsável por se levantar contra o erro, está em contraste com Moisés, que mostraria ódio santo contra esse pecado. O medo de Arão do povo o levou a moldar um bezerro derretido. A imoralidade e a divisão no arraial se seguiram naturalmente, o que nos lembra que o desvio da verdade para o erro doutrinário sempre afetará o comportamento. O ensino errado em todas as suas formas deve ser confrontado se o povo do Senhor deseja permanecer puro e unificado.

Eles ofereceram a esse ídolo em rituais supostamente motivados pela devoção a Jeová, mas a cena inteira era tudo,

menos honrosa a Deus. Folia e indulgência marcavam a festa que pretendia ser de adoração a Deus. Muito poderia ser dito sobre a aplicação desta apostasia ao nosso clima religioso moderno, que apresenta todo e qualquer método de reunião e ritual como adoração, rejeitando a verdade de Deus no processo. No entanto, devemos agora olhar para a disciplina necessária para limpar o acampamento em Êxodo 32:26-28.

Antes que homens separados possam usar a espada para livrar a congregação daqueles que se apegam ao erro, uma decisão deve ser tomada: continuamos nessa perversão sensual da adoração ou a abandonamos? Não poderia haver cercas. A pergunta "Quem é do Senhor?" não deixou espaço para concessões.

A espada é uma imagem da Palavra de Deus usada para corrigir a falsa doutrina e a consequente imoralidade. Embora possa parecer extremo, o futuro de todo o arraial dependia do uso da espada para resolver o problema. Assim é em uma igreja do Novo Testamento, visto que disciplina para erro doutrinário e desvio moral é necessária. Graças a Deus que, sob a graça, toda a disciplina será feita com a recuperação e restauração do ofensor em mente, mas com a glória de Deus e a preservação do povo do Senhor sendo primordial.

Moisés agora recebe a ordem de liderar o povo. Haverá muita glória para Deus nos próximos dias quando o tabernáculo for construído, louvor oferecido e Seu propósito for cumprido. O fracasso nunca foi feito para ser derradeiro. O erro deve ser corrigido pela verdade, os ofensores devem ser tratados conforme as Escrituras exigem, e a recuperação deve levar ao progresso. Ainda há glória a ser ganha para o Senhor. Apesar de outros crentes terem voltado para o Egito, vamos encorajar uns aos outros a permanecermos focados em nosso Senhor que subiu!

REVERÊNCIA

David Vallance



Encontrando com Deus no Tabernáculo

Uma tenda entre as milhares espalhadas no acampamento israelita se destacou visivelmente. Localizada bem no meio, esta tenda foi isolada com uma cerca perimetral de tecido branco opaco com 2,5 metros de altura – alta demais para poder ser espiada. A única entrada do complexo ficava do lado do nascer do sol, e quando a cortina de lindas cores que servia de porta era puxada para trás, o povo podia olhar para dentro. Um observador notaria primeiro um grande altar de bronze logo na entrada. Suas laterais estavam salpicadas de sangue e sua fogueira, alimentada por partes de animais e grãos, enviava uma coluna de fumaça para o céu.

Uma pia de bronze ficava mais atrás no pátio, onde os sacerdotes, ocupados no serviço oficial, frequentemente paravam para lavar as mãos e os pés. Perto da parte de trás do complexo havia uma grande tenda de cor monótona – monótona, exceto pelos brilhantes pilares dourados no lado leste sustentando uma cortina colorida que servia como a porta da frente. O mais impressionante de tudo, no entanto, era a coluna de vapor e chamas surgindo da parte de trás da tenda, ofuscando a coluna de fumaça que surgia do altar de bronze. Esta nuvem de glória *Shekinah* ascendia bem acima da tenda, sombreando todo o acampamento durante o dia e iluminando o céu à noite.

Um observador iria querer explorar esta tenda, esperando que a bela entrada sugerisse coisas ainda mais bonitas lá dentro. Mas apenas os sacerdotes podiam entrar – e apenas na primeira das duas câmaras, o Lugar Santo. O interior era de fato um banquete para os sentidos: o aroma de pão fresco disposto em uma mesa dourada à direita, e sete lâmpadas acesas em um castiçal de ouro maciço à esquerda. Bem à frente estava um altar de incenso dourado, permeando o ar com fragrância. Tanto o teto de tecido quanto a cortina que servia de parede posterior desta primeira câmara eram coloridos com linho azul, púrpura, carmesim e branco bordado com querubins – seres angelicais que guardavam a santidade de Deus.

Yahweh, o Deus de Israel, habitava na segunda câmara proibida, no cúbito Santo dos Santos, repousando sobre um trono de ouro composto da arca da aliança e a tampa da expiação (o propiciatório). A arca da aliança era feita de madeira de acácia incorruptível revestida de ouro, e o propiciatório era uma chapa de ouro maciço com dois querubins saindo de cada extremidade, olhando para baixo em sua superfície. A arca abrigava as duas tábuas de pedra inscritas com os Dez Mandamentos, uma urna dourada contendo maná e a vara de Arão que brotou renova e gerou amêndoas maduras.

Todo o complexo foi projetado de forma que quanto mais próximo um item

*A beleza
interior da
tenda era
secreta: grande
parte dela era
apreciada pelos
sacerdotes, mas
outra parte
dela apenas
por Deus.*

estivesse do Santo dos Santos, mais valioso e bonito ele era. O bronze, por exemplo, deu lugar à prata e, finalmente, ao ouro. A remoção da cobertura de couro simples da tenda revelou primeiro as peles de carneiro tintas de vermelho, depois as peles de cabra e, finalmente, a tapeçaria multicolorida com seus querubins bordados. Residindo no Santo dos Santos, a glória *Shekinah* de Deus iluminava a cortina divisória suspensa em seus quatro pilares, criando uma exibição deslumbrante de azul, púrpura, carmesim e branco para

o benefício e gozo dos sacerdotes que trabalhavam na primeira câmara. A beleza interior da tenda era secreta: grande parte dela era apreciada pelos sacerdotes, mas outra parte dela apenas por Deus.

O Espírito Santo dedicou cinquenta capítulos da Bíblia a esta tenda especial, este espaço sagrado onde *Yahweh* estava especialmente presente entre o Seu povo. O Senhor chamou Sua tenda de *mishkan*, ou seja, Sua Habitação. Ele também o chamou de *miqdash* – Seu consagrado Lugar Santo: "E me farão um santuário, e habitarei no meio deles" (Êxodo 25:8,22; 29:42-46). Ele também se referiu a ela como *ohel moed*, ou Tenda da Congregação, porque Ele desejava se encontrar com Seu povo ali.

O desenho e as imagens do tabernáculo lembram o Éden, onde Deus se comunicava com o homem em um jardim especial plantado para esse propósito. O jardim no Éden era um santuário onde Deus se encontrou com Adão; o tabernáculo recriou aquele espaço. No jardim, Deus caminhava com Adão, e, no tabernáculo, Ele comungava com Seu povo Israel. Tanto o jardim quanto o tabernáculo tinham limites de perímetro e portões voltados para o leste. E o tabernáculo tripartido com seus círculos concêntricos de santidade correspondia ao jardim (o Santo dos Santos), ao próprio Éden (o Lugar Santo) e ao mundo exterior (o Pátio).

As canas, copas, flores e botões de amêndoa do candelabro criaram um ambiente semelhante a um jardim, correspondendo à Árvore da Vida. A arca no Santo dos Santos continha a Lei, que ecoava a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal – ambos conduziam à sabedoria. Os sacerdotes que trabalhavam no tabernáculo continuaram as tarefas dadas por Deus a Adão de "lavar" e "guardar".

E depois que Adão foi expulso do jardim, os querubins assumiram seu dever de guardar a Árvore da Vida; essas mesmas criaturas angelicais eram proeminentes no tabernáculo.

A habitação de Deus no tabernáculo foi um passo em direção à restauração do paraíso, que será completada nos novos céus e nova terra. O tabernáculo de Israel era, portanto, não apenas uma volta ao Éden, mas um prenúncio da eternidade. No Apocalipse, João ouviu uma grande voz vinda do trono, dizendo: "Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles e será o seu Deus" (Apocalipse 21:3).

*Como o
transcendente e
todo-poderoso
Criador, Ele
deve ser
reverenciado e
respeitado por
Sua imensidão
e majestade.*

A queda de Adão não deteve Deus. Ele ainda desejava viver entre Seu povo e ter comunhão com eles, apesar de sua pecaminosidade. Então Ele andou com Enoque, habitou com Noé na arca e foi amigo de Abraão. Mais tarde, quando Deus chamou Seu povo para fora do Egito, Ele desejou habitar entre eles, estabelecer um vínculo com eles e receber sua adoração. Ele então colocou Sua tenda estrategicamente bem no meio das tendas deles, e assim que fixou residência (Êxodo 40:34), Ele chamou Moisés do Seu trono, procurando adoradores (Levítico 1:1).

A própria existência do tabernáculo provava que Deus queria habitar com Seu povo, e o amplo portal do lado leste confirmava que Ele queria que eles entrassem. Mesmo assim, Deus projetou Sua tenda para confrontar as pessoas que amava com Sua santidade e a contaminação deles. Quando um israelita chegava à tenda, descobria que era um lugar proibitivo, repleto de segurança e cheio de barreiras. Nenhum israelita poderia vagar casualmente ao redor do tabernáculo ou entrar no pátio. Guardas levíticos cercavam o complexo, e a cerca alta impedia as pessoas de espiarem. Qualquer um que tentasse violar seus limites era executado.

Deus é santo. Isso significa primeiro que Ele é totalmente diferente, distinto de Sua criação. Como o transcendente e todo-poderoso Criador, Ele deve ser reverenciado e respeitado por Sua imensidão e majestade. Sua santidade também inclui uma dimensão moral: Deus é totalmente diferente das pessoas, não apenas em Seu Ser, mas em Seu caráter – Ele é impecavelmente puro, justo e bom. E essa perfeição moral envolve, inquestionavelmente, ódio ardente ao pecado e o compromisso de puni-lo.

Santidade é uma categoria conceitual perdida nas pessoas hoje. Nada é sagrado. A orgulhosa noção de que "o homem é a medida de todas as coisas" – embora pelo menos tão antiga quanto Protágoras (século V a.C.) – é agora a suposição tácita geral. Ao relegar a ideia de santidade à superstição de pessoas não iluminadas, os pensadores modernos desistiram de todo um domínio do pensamento: o transcendente, o numinoso, o sublime, o inefável. Tomando sua própria importância como um fato maior, eles se recusam a aceitar uma Realidade objetiva maior do que eles, fora de seu controle, além de sua influência e além de sua compreensão.

Os homens não aceitam sua verdadeira condição de criaturas indefesas, totalmente dependentes da vontade de Deus. "Não há temor de Deus diante de seus olhos" (Romanos 3:18). Nenhuma Autoridade tem o direito de impedi-los de se intrometerem onde desejarem e de agirem como queiram. E se um Deus bom existe, Ele não poderia deixar de recebê-los exatamente como são. A ideia de que um Poder superior pode proibi-los de entrar ou exigir responsabilidade tanto os intriga quanto os irrita. Eles estão cegos para a "malignidade excessiva" de seus pecados (Romanos 7:13) e alheios à magnitude de sua culpa diante de Deus.

O tabernáculo confronta sua arrogância. Suas barreiras, seu derramamento de sangue e fogo ardente clamam por reverência – a postura adequada do homem insignificante diante de seu Criador infinito e invencível. O tabernáculo ensina o temor de Deus – profundo respeito juntamente com admiração, deferência e submissão. Ele induz os adoradores a prostrarem-se diante da Deidade com um pavor salutar de fazer qualquer coisa que O desagrade. O "temor do Senhor"

O "temor do Senhor" é tanto "o princípio da sabedoria" como "aborrecer o mal".

é tanto "o princípio da sabedoria" como "aborrecer o mal" (Provérbios 9:10; 8:13). A única atitude segura diante de Deus é a reverência e o temor divino, pois Ele é um fogo consumidor (Hebreus 12:28-29).

O tabernáculo ensinou a Israel que o pecado é sério – tão grave que requer a morte. Embora seja fácil de cometer, é extremamente caro para ser afastado: "sem derramamento de sangue não há remissão" (Hebreus 9:22). Quando um ofertante trazia um novilho caro para o altar, colocava a mão em sua cabeça e, então, completava a matança ritual, ele via com seus próprios olhos o que seu pecado havia causado. Seu sacrifício animal prefigurou vividamente a obra do verdadeiro Substituto, que "tabernaculou [habitou]" entre nós (João 1:14) e "uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo" (Hebreus 9:26).

RESISTÊNCIA

Dan Shutt



É, afinal, a história mais antiga do mundo, tão breve que pode ser contada de uma só vez. *Deus promete bênçãos pela obediência, mas o coração obstinado do homem resiste e se rebela contra isso.* Toda a história humana em uma frase. Foi verdade no Éden, foi verdade em Nazaré e é claramente verdade em nosso mundo hoje. É verdade no evangelismo, é verdade no Cristianismo, e é verdade, se formos honestos, em nossos próprios corações. É verdade!

A Bíblia fornece ampla corroboração disso, ilustrada na história nacional do povo escolhido de Deus, os judeus. Você deve se lembrar da análise de Estêvão ao resumir 1.500 anos de fracasso em se submeter a Deus: "Homens de dura cerviz [...], vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim, vós sois como vossos pais" (Atos 7:51). E, como se uma confirmação adicional fosse necessária, eles acentuaram sua mensagem apedrejando-o até a morte – evidências contundentes, fornecidas pelo seu próprio comportamento.

O livro de Números conta uma história de advertência, uma lição que não deve ser perdida em nossa própria geração privilegiada, porém rebelde. Depois de recitar a abundante bênção que o povo de Israel havia recebido, Paulo nos lembra de forma chocante que eles "foram prostrados no deserto". Ele então acrescenta esta advertência solene: "E essas coisas foram-nos feitas em figura, para que não cobicemos as coisas más, como eles cobiçaram" (1 Coríntios 10:5-6). Ele antecipa a possibilidade muito real de que nós também possamos incorrer em julgamento se formos indiferentes a respeito do pecado e se, como Israel, resistirmos a Ele.

A narrativa original é a essência da simplicidade. Pelo sangue, Deus redimiu Seu povo, Israel, da escravidão egípcia, trouxe-os milagrosamente através do Mar Vermelho, destruiu seus inimigos e os colocou em um curso para a Terra Prometida – um lar rico em abundância (para a história completa, leia Números 13-14). E, agora, eles haviam chegado à borda de tudo o que Deus havia prometido, um lugar chamado Cades-Barnéia, bem na fronteira de bênçãos indizíveis.

Neste ponto, Deus avaliou o grau de obediência de Israel. Eles O testaram "dez vezes" (Números 14:22), mas agora Deus, por sua vez, os testará. Ele havia dito anteriormente com respeito ao maná que Ele iria prová-los, "para que eu veja se anda em minha lei ou não" (Êxodo 16:4). Mas agora este será o maior teste; Ele havia provado exaustivamente Sua própria fidelidade à aliança, mas e quanto à fidelidade deles a Ele? Eles entrariam e possuiriam a terra que Ele lhes prometeu ou resistiriam e permaneceriam no deserto?

Um homem de cada tribo foi selecionado por Moisés para examinar a herança prometida e apresentar um relatório à congregação. E que relatório eles trouxeram! Houve um acordo perfeito de que tudo o que foi prometido era verdade; Canaã era rica e frutífera, um alívio adorável e fragrante do deserto atrás deles. "Leite e mel" não eram meramente figurativos; eles eram reais, assim como Deus havia dito (Números 13:23-27).

Mas eles não entraram. Eles tinham visto algumas cidades muradas, é verdade, e tinham visto alguns gigantes, mas o verdadeiro fracasso estava em seus próprios pensamentos. Eles duvidaram da capacidade de Israel de

tirar os cananeus dali – "Não poderemos subir contra aquele povo" (Números 13:31) – não se lembrando que era a capacidade de Deus, não a deles, que traria a vitória. As palavras de Moisés no Mar Vermelho foram esquecidas: "Não temais; estai quietos e vede o livramento do Senhor, que hoje vos fará [...] O Senhor pelejará por vós" (Êxodo 14:13-14). Infelizmente, com exceção de Calebe e Josué, eles estavam unidos na crença de que Deus era incapaz de realizar essa pequena tarefa que faltava. O escritor aos Hebreus resumiu perfeitamente: "E vemos que não puderam entrar por causa da sua incredulidade" (Hebreus 3:19).

Aprenda esta principal lição: não foi o tamanho dos gigantes que impulsionou sua resistência e rebelião; ao contrário, era o tamanho do seu Deus. Os gigantes não eram muito grandes; mas, para os israelitas, Deus era muito pequeno! Eles temiam o que o homem pudesse fazer, porque haviam se esquecido do que Deus havia feito. Poderia o Deus que derrotou o Faraó e seu vasto exército ficar repentinamente impotente diante de alguns gigantes? Não muito antes, os israelitas cantavam alegremente: "A tua destra, ó Senhor, se tem glorificado em potência; a tua destra, ó Senhor, tem despedaçado o inimigo; e, com a grandeza da tua excelência, derribaste os que se levantaram contra ti [...] Ó Senhor, quem é como tu entre os deuses? Quem é como tu, glorificado em santidade, terrível em louvores, operando maravilhas?" (Êxodo 15:6-11). Para onde foi esse Deus?

Onde, de fato? Parece tão fácil aplicar isso no evangelho, e com razão (veja Hebreus 3-4), mas nunca devemos esquecer que esta foi, antes de tudo, a história de um povo redimido, um povo salvo pelo sangue. Nosso dever, como Paulo lembrou aos coríntios, é vermos a nós mesmos na história, não aos outros. E então, é possível que Deus, de alguma forma, tenha diminuído e se tornado pequeno e impotente de acordo com nossos próprios cálculos? Não iríamos e nem poderíamos negar Sua existência, mas, na prática, será que todo gigante parece maior do que Ele? E será que a nossa falha em apreciar

nosso majestoso e poderoso Deus permitiu que resistência e rebelião germinassem em nossos corações, por fim florescendo em pecado evidente?

Quando os homens consideram Deus pequeno, eles resistem a Ele com aparente impunidade. Mas a rebelião nunca termina bem para o rebelde. Os dez espias morreram imediatamente; quanto ao resto, os quarenta dias em Cades trouxeram quarenta anos de julgamento. Os túmulos que cobriam o restante da viagem de Israel pelo deserto tinham o mesmo epitáfio solene: "Deus não se deixa escarnecer" (Gálatas 6:7).

Querido crente, Deus não mudou. Ele reina serena e soberanamente de Seu trono glorioso e eterno. Nada grande ou pequeno pode perturbar a tranquilidade de Sua majestosa presença. Seus preceitos e julgamentos estão fixados para sempre no céu. O Deus que foi capaz de nos salvar "estando nós ainda fracos" (Romanos 5:6) é o Deus que pode nos guardar, mesmo quando "nossos inimigos são fortes". Aqueles que calibram suas vidas não por sua própria fraqueza, mas por Sua magnitude inefável, são aqueles que colhem bênçãos incalculáveis.

Oh, que Deus nos dê corações como os de Calebe e Josué! Homens com um grande Deus podem fazer coisas poderosas e possuir muitas terras para Ele. O livro de Josué registra a rica herança, a plenitude das bênçãos de Deus, concedida por um Deus fiel aos Seus servos fiéis. Homens que não resistiram, que se renderam voluntariamente a Deus, são os heróis da fé (Hebreus 11:30). Eles foram pessoalmente abençoados, suas famílias foram abençoadas e o povo de Deus foi abençoado (Josué 24:31). Que as palavras de Davi reflitam nossa própria estima e devoção: "Porque grande é o Senhor, e mui digno de ser louvado, e mais tremendo é do que todos os deuses. [...] Majestade e esplendor há diante dele, força e alegria, no seu lugar. [...] Dai ao Senhor a glória de seu nome" (1 Crônicas 16:25-29).

RECORDAÇÃO

Mitchell Taylor



Cruzando o Jordão

Somos criaturas esquecidas. As experiências vívidas podem enfraquecer à medida que esquecemos ou alteramos os detalhes. Os dados internalizados desaparecem se não os revisarmos. O que ouvimos de forma audível precisa de repetição. Com essas limitações em mente, o Senhor nos ordenou que nos lembrássemos da morte de Cristo no primeiro dia da semana (1 Coríntios 11:24-25; Atos 20:7). Quando Israel se aproximou do rio Jordão durante a época da chuva da colheita, o Senhor garantiu que eles tivessem emblemas especiais para lembrar as maravilhas que Ele estava para fazer diante deles. Josué 3 e 4 recontam os eventos que Israel deveria se lembrar. Examinaremos o que eles deveriam recordar.

Chegando no Jordão

"por este caminho nunca passastes antes" (3:4)

O Senhor guiou Israel para fora do Egito e através do deserto pela coluna de nuvem. Uma vez que os obreiros cheios do Espírito construíram a Arca da Aliança, ela conduziu o povo adiante com a nuvem (Números 10:33-36). Os últimos passos para a Terra Prometida não seriam diferentes, pois guiaram o povo até o rio Jordão e através dele. Os coatitas carregavam a arca em suas varas, envolta no véu do tabernáculo e na pele de texugo, e coberta com o pano azul. Unicamente, uma distância de cerca de 2.000 côvados (quase 1 km) precisava ser mantida entre ela e a congregação,

possivelmente para que a arca-guia pudesse ser vista por todos, porque eles não tinham passado por ali antes. Para o crente hoje, a terra de Canaã representa nosso desfrute de bênçãos espirituais. Deve ser acessado e desfrutado da maneira e orientação prescritas que Deus escolheu – em Cristo (Efésios 1:3).

Preparando-se para cruzar o Jordão

"Santificai-vos" (3:5)

O povo de Deus precisava ser santificado antes que Ele pudesse abençoá-los, trazendo-os através do Jordão para Canaã. Ele ordenou expressamente que eles "se santificassem". O povo precisava demonstrar santificação se quisesse desfrutar das bênçãos de Deus. Para o salvo hoje, há versículos em cada epístola que nos falam sobre nossa necessidade de santidade prática. Eles devem ser obedecidos se quisermos nos qualificar para entrar no desfrute de nossas bênçãos espirituais. Por exemplo, devemos "nos purificar de toda imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus" (2 Coríntios 7:1); "não andar mais como andam também os outros gentios" (Efésios 4:17); e "Mortificai, pois, os vossos [nossos] membros que estão sobre a terra" (Colossenses 3:5). As bênçãos de Deus são espirituais, não carnis. As bênçãos de Deus não são desfrutadas por meios e influências mundanos. Devemos estar preparados para desfrutar essas bênçãos espirituais, santificando-nos por meio da adesão à Palavra de Deus (João 17:17).

No Jordão

"as águas [...] pararão num montão" (3:13)

O povo santificado de Deus testemunhou uma visão milagrosa. Como disse Josué, quando os sacerdotes que carregavam a arca pisaram na borda da água, as águas acima dos sacerdotes se amontoaram, enquanto as águas abaixo fluíam para o Mar Salgado. O caminho para a terra se abriu para o povo de Deus.

Podemos ver uma imagem vívida de Cristo como a Arca, entrando nas águas da morte e abrindo o caminho para nosso gozo das bênçãos espirituais. O montão do Jordão tornou-se de volta para a cidade de Adã, enquanto o restante fluíu para o Mar Salgado (3:16). Cristo Jesus foi apresentado por Deus como "propiciação", declarando Deus justo por justificar os pecadores pela graça por meio da fé, desde Adão até que a própria morte seja tragada na vitória (Romanos 3:22-26; 1 Coríntios 15:54).

Através do Jordão

"Que vos significam estas pedras?" (4:6,21)

Como Deus continuou a reter as águas depois que o povo passou, dois memoriais diferentes de doze pedras foram erigidos. Um seria estabelecido "no meio do Jordão, no lugar do assento dos pés dos sacerdotes que levavam a arca do concerto" (4:9), e o outro resultaria da remoção de pedras do rio e, em seguida, seu depósito em Gilgal, "no alojamento em que haveis de passar esta noite" (4:3). As pedras serviam como um lembrete de Israel cruzando o Jordão em terra seca. Eles deveriam incutir em Israel o temor do Senhor e mostrar o poder do Senhor a todos os povos da terra (4:23-24).

Deus nos lembra de dois memoriais com a verdade de Colossenses 2:20-3:4. O memorial erguido sob as águas do Jordão nos diz que morremos com Cristo. O que está em Gilgal nos diz que fomos ressuscitados com Cristo. Deus deseja

que desfrutemos as "bênçãos nos lugares celestiais" no presente. Isso requer uma mentalidade nas coisas do alto em vez das coisas terrenas, visto que morremos, e nossa vida foi escondida com Cristo em Deus. Curiosamente, Josué 4:19 diz que era o dia 10 do primeiro mês quando eles chegaram à terra; foi o mesmo dia em que o cordeiro pascal foi reservado. O alicerce para desfrutar as bênçãos espirituais deve ser uma apreciação e um exame de nosso Cordeiro pascal, o Senhor Jesus Cristo.

Falhando em Lembrar o Jordão

"[Aqueles] que sabiam toda a obra que o Senhor tinha feito a Israel" (Josué 24:31)

Com o passar do tempo, a memória dos eventos do Jordão se desvaneceu. A segunda geração de pais em Canaã falhou em dizer a seus filhos as respostas às perguntas "Que significam essas pedras?" e "Quais são os testemunhos [...] que o Senhor, nosso Deus, vos ordenou?" (Deuteronômio 6:20). No final de sua vida, Josué ergueu outra pedra de testemunho no tabernáculo para lembrar ao povo de seu novo concerto com o Senhor. Ainda assim, Josué 24:31, contraposto ao livro de Juízes, demonstra que eles não tiraram proveito de nenhuma das pedras que o Senhor fez Josué erguer para ajudá-los.

Se não ensinarmos corretamente a próxima geração, o terreno espiritual conquistado será perdido, pois "cada qual faz o que parece direito aos seus olhos" (Juízes 17:6; 21:25). Esta é uma lição solene para os crentes maduros de hoje. Nossos filhos devem ver a realidade da travessia do Jordão em nossas próprias vidas: aprender a verdade sobre o que significa ter morrido com Cristo, ter sido ressuscitado com Cristo e buscar as coisas que são do alto. Se não pudermos apresentar à próxima geração respostas sinceras e satisfatórias às suas perguntas, isso conduzirá a um declínio contínuo na vida cristã de santificação e à deterioração das igrejas de Deus.

ENTRADA

Shawn St. Clair



"Levanta-te, pois, [...] à terra" (Josué 1:2). A hora finalmente chegou. O povo de Israel entraria na terra de Canaã. E, quando eles estão para entrar, o Senhor instrui a Josué (1:2-9). O que aprendemos quando eles são ensinados a seguir em frente?

Dada por Graça

"[...] à terra que eu dou" (v. 2)

Isso é deles por graça. "Sabe, pois, que não é por causa da tua justiça que o Senhor, teu Deus, te dá esta boa terra para possuí-la." (Deuteronômio 9:6) Essa terra, com fronteiras específicas (Josué 1:4), foi e é em perpetuidade um presente de Deus a Israel por causa de Sua promessa a Abraão (Gênesis 15:18-21; 17:8). Aprendemos lições espirituais com esses versículos, mas nos regozijamos porque o Senhor Jesus Cristo (prefigurado em Josué) logo aparecerá e conduzirá Israel à sua herança (Jeremias 23:5-8). O que vemos agora no Oriente Médio é como os dois espias na casa de Raabe – a mão de Deus claramente está sobre eles, mas uma entrada e descanso muito maiores aguardam a nação, quando eles "nunca mais temerão" (Jeremias 23:4).

Nós também recebemos graciosamente "uma herança", sendo "selados com o Espírito Santo da promessa; o qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão de Deus" (Efésios 1:11-14). Mas tudo isso é futuro? Não – é nosso hoje! "Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em

nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos), e nos ressuscitou juntamente com ele, e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus." (Efésios 2:4-6) Tão certo quanto Cristo está no céu, e nós estamos Nele, essas bênçãos espirituais são nossas agora, e são para nós determinarmos nossas mentes e desfrutarmos agora (Colossenses 3:1-3)!

Possuindo com Propósito

"Todo lugar que pisar a planta do vosso pé [...]" (v. 3)

Eles estavam na fronteira do que já era deles, mas eles tinham de entrar e possuí-lo. Eles tiveram de tomar para si o que a graça lhes havia concedido. Somente à medida que as solas dos pés penetram mais fundo na terra é que eles podem começar a desfrutar de todas as coisas boas que são deles.

Nós, também, devemos intencionalmente nos apropriar do que Deus nos trouxe em Cristo. Pela fé, entramos em nosso território segurando o mapa das Escrituras, e escolhemos permanecer nele, caminhar nele em nossas vidas e gozar dos seus benefícios. E, no final das contas, ocupamos o que é nosso quando nossos corações estão ocupados com o que é nosso.

Conquistando com Confiança

"Sê forte e corajoso" (vv. 6,7,9 ARA)

Por que o Senhor disse isso três vezes? Havia inimigos a enfrentar que, com base em suas práticas, se submeteram ao

controle de Satanás (Deuteronômio 18:9-14). O diabo deslocou seus seguidores para a terra do Senhor. Esses eram usurpadores que estabeleceram fortalezas para impedir o povo de Deus de desfrutar de sua herança, e que lutariam com força e desarmariam com o engano.

Efésios, que nos fala de nossas bênçãos espirituais nos lugares celestiais, também nos adverte sobre as "hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais", instruindo-nos: "Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo", e nos encorajando a sermos fortalecidos "no Senhor e na força do seu poder" (Efésios 6:10-12). Essa é a mesma força que Josué desfrutou: "Ninguém se sustera diante de ti, todos os dias da tua vida; como fui com Moisés, assim serei contigo; não te deixarei nem te desampararei" (Josué 1:5).

Não era autoconfiança ou determinação absoluta; era o Senhor e a força de Seu poder. E, como Josué, somos informados: "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" (Romanos 8:31). Ele graciosamente nos deu "todas as coisas" (Romanos 8:32), e que inimigo pode nos acusar, ou que perigo pode nos separar do amor de Cristo (vv. 33-35)? Podemos prosseguir corajosamente, sabendo que toda a sabedoria e os recursos de Deus são para nós, se nosso objetivo é possuir pela fé a bênção que temos em Cristo.

Observe que a força de Josué também estava ligada ao meditar "neste livro" de forma contínua e ao fazer cuidadosamente tudo o que está escrito (Josué 1:7-9). A fé que tem "bom êxito" na posse da terra é aquela que conhece e obedece ao que Deus diz.

Enfrentando os Inimigos

Como os cananeus liderados por Adoni-Zedeque, os principados e potestades sob Satanás se oporão aos nossos avanços. O nome de sua primeira fortaleza,

"Jericó", provavelmente veio da palavra "perfumado". Quão verdadeiramente perfumada a terra além deve ter sido, "manando leite e mel"! Mas uma cidade se estabeleceu no caminho. Tudo o que o mundo chama de perfumado, "a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida" (1 João 2:16), nos impede de desfrutar as verdadeiras fragrâncias de nossa herança. Como Jericó caiu? Pela fé na Palavra de Deus, uma fé que conhece e marcha para a verdade de que "o mundo passa, bem como a sua concupiscência" (1 João 2:17 ARA).

A próxima cidade deles foi Ai, e a lição dolorosa é que o pecado não julgado também nos impede de gozar das nossas bênçãos espirituais. O que estamos escondendo sob nossa tenda? Não faremos progresso até que seja julgado.

Depois, vieram os gibeonitas, cujos truques e palavras que soaram espirituais enganaram Israel. E as artimanhas do diabo continuam. Os gálatas foram "enfeitiçados" com rituais e legalismo, e os colossenses enfrentaram filosofias e espiritismo. O falso finge ser bom e se mistura com o verdadeiro.

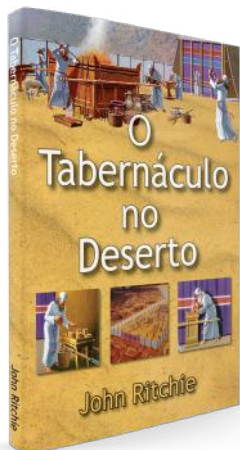
Claramente, a armadura deve ser usada. Os inimigos devem ser enfrentados. A fé deve seguir a Palavra de Deus, avançando na força do Senhor. Esta é a única maneira de entrar e possuir tudo o que Ele deu ao Seu povo.

"Muito a Possuir"

Infelizmente, Israel falhou em entrar em toda a terra que o Senhor tinha para eles. Eles pararam muito longe das fronteiras prometidas, e o Senhor disse no final da vida de Josué: "ainda muitíssima terra ficou para possuir" (Josué 13:1). Você parou e se acomodou, ou saiu – hoje – e aproveitou um pouco mais do que Ele lhe deu em Cristo? "Levanta-te, pois, à terra [...] ainda há muito para possuir!"

SUA BIBLIOTECA

Marcos Menezes



John Ritchie, O Tabernáculo no Deserto

(A Verdade, 2011), 134 páginas, www.editoraverdade.com.br

No último discurso do primeiro mártir da era da Igreja, no livro dos Atos, Estêvão pergunta, guiado pelo Espírito Santo: “Que casa me edificareis, diz o Senhor, ou qual é o lugar do meu repouso?”, assim como afirma que “o Altíssimo não habita em templos feitos por mãos de homens”. Mas no começo dessa parte das Escrituras ele diz que “Estava entre nossos pais no deserto o tabernáculo do Testemunho”, feito conforme o modelo que Moisés recebeu do próprio Deus.

Que significado e que ensinamentos existem para o povo de Deus na atualidade sobre os detalhes da construção e do serviço daquela Tenda da Congregação, erguida no deserto no meio do arraial de Israel quando peregrinava em direção à Terra Prometida? O autor desse livro precioso nos abre as Escrituras para mostrar as glórias e a singularidade de Cristo na Sua vida e na Sua morte, tipificadas em cada detalhe daquela morada de Deus.

As várias figuras tipificadas ali no Tabernáculo, desde a sua construção, coberturas, disposição e mobília, bem como dos seus utensílios, trazem luz ao propósito de Deus em relação à obra de Cristo e à bênção do pecador que nele confia. Em Efésios, o apóstolo inspirado fala no capítulo 2 que “...sois edificados para morada de Deus no Espírito”. Qual a relação entre cada pessoa salva pela graça de Deus no presente e aquele Tabernáculo no meio do deserto? Leia esse livro maravilhoso e encontre sua resposta.

John Ritchie, As Festas de Jeová

(A Verdade, 2010), 78 páginas, www.editoraverdade.com.br

Em todo o final de ano e início de um novo, temos o costume de dar ou receber calendários do ano vindouro, e logo nos vemos folheando os mesmos e procurando datas comemorativas, feriados e festividades. Nesse exercício muitas vezes começamos a mentalizar ações futuras e eventos nos quais temos interesse e fazemos planos para o futuro.

Será que Deus revelou na Sua palavra inspirada algum calendário relacionado àquilo que estava em Seu coração antes da fundação do mundo até a conclusão do Seu eterno propósito para a humanidade? Qual o significado das sete festas em Levítico capítulo 23, dadas por Deus para que os filhos de Israel observassem a cada ano, primeiro no deserto e depois na terra prometida? Por que a era atual da Igreja é um intervalo entre as primeiras quatro festas e as últimas três?

Neste livro de fácil leitura, mas rico em detalhes, o autor nos revela as maravilhas do propósito de Deus na Pessoa do Seu Filho e Sua obra eterna em favor de uma humanidade perdida. Nesses estudos são analisados em detalhe, a obra da Redenção feita por Cristo, assim como Sua Ressurreição e segunda vinda para bênção do Seu povo. Se você quer descobrir no calendário divino as bênçãos providas por Deus para gentios salvos pela Sua graça e para um Israel redimido e restaurado no futuro, você precisa aprender mais sobre as Festas de Jeová.

